



Artigo
Article

UERN EM IMAGENS E IDEOLOGIAS: SENTIMENTO DE PERTENÇA E EMPREENDEDORISMO MORAL NOS LUGARES UNIVERSITÁRIOS

*UERN IN IMAGENS AND IDEOLOGIES: FEELING OF BELONGING AND MORAL
ENTREPRENEURSHIP IN UNIVERSITY PLACES*

Raoni Borges Barbosa¹
Djalma Lucas Mendes²
Eula Paula Gomes de Moraes³
Magna Karol Alves de Paiva⁴

RESUMO: Este artigo discute os primeiros movimentos de uma pesquisa situada no *BITS - Grupo de Pesquisa em Práticas Sociais, Cultura e Informação*, com a participação de estudantes do *BITS* e do *PETCIS/UERN*, sobre os diversos lugares que ocupam simbólica e fisicamente o espaço da UERN, na cidade de Mossoró-RN, mobilizando imagens e ideologias, sentimentos de pertença e projetos de empreendedorismo moral. Nesse sentido, o artigo debate os resultados da descrição densa e da produção de um banco de imagens que busca enquadrar a mensagem ideológica de empreendedorismo moral de movimentos político-culturais como o antiproibicionista, o feminista, o LGBTQ+, o negro, o democrático, o vegan, o estudantil, entre outros, nas culturas emotivas, códigos de moralidades e, principalmente, na produção de lugares na UERN. **Palavras-chave:** UERN/Mossoró-RN, imagens e ideologias, empreendedorismo moral, lugar, culturas emotivas e códigos de moralidades.

¹ Doutor em Antropologia. Bolsista DCR-CNPq/FAPEPI. Foi Professor Visitante na UERN (2019 a 2021), lotado na FAFIC/DCSP. É professor voluntário no PPGCISH. E-Mail: raoniborgesbarbosa@gmail.com

² Foi Bolsista do PET (Programa de Educação Tutorial). Graduado do Curso de Ciências Sociais – Bacharelado da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN.

³ Foi Bolsista do PET (Programa de Educação Tutorial). Graduanda do Curso de Ciências Sociais – Bacharelado da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN.

⁴ Foi Bolsista do PET (Programa de Educação Tutorial). Graduada do Curso de Ciências Sociais – Bacharelado da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN.

ABSTRACT: This article discusses the first movements of a research located at BITS - Research Group on Social Practices, Culture and Information, with the participation of students from BITS and PETCIS/UERN, about the different places they occupy symbolically and physically the space of UERN, in the city of Mossoró-RN, mobilizing images and ideologies, feelings of belonging and projects of moral entrepreneurship. In this sense, the article discusses the results of the dense description and the production of an image bank that seeks to frame the ideological message of moral entrepreneurship of political-cultural movements such as the anti-prohibitionist, feminist, LGBT+, black, democratic, vegan, student, among others, in emotional cultures, morality codes and, mainly, in the production of places at UERN. **Keywords:** UERN/Mossoró-RN, images and ideologies, moral entrepreneurship, place, emotional cultures and morality codes.

INTRODUÇÃO

A pesquisa em tela, intitulada *UERN em imagens e ideologias: sentimento de pertença e empreendedorismo moral nos lugares universitários*, teve início ainda nesse semestre 2019.1, quando da mobilização de um grupo de estudantes frequentadores das reuniões do *BITS - Grupo de Pesquisa em Práticas Sociais, Cultura e Informação* no sentido de problematizar, desde um olhar antropológico, os códigos e as mensagens que compõem os múltiplos lugares (Koury, 2001) universitários na UERN. A pesquisa optou em dar preferência àqueles lugares oficiosos construídos cotidianamente pelos discentes e suas redes relacionais na cidade de Mossoró e adjacências, de modo que as primeiras incursões etnográficas se deram nesse sentido.

Distribuídos por todo o campus, em um enorme mosaico de espaços físicos e simbólicos, estes lugares oficiosos organizam a vida universitária estudantil para além da rotina lenta e maçante das obrigações burocráticas e das salas de aulas. Percebe-se, assim, que as atividades estudantis no campus se alternam, - em um pendular movimento damattiano de ordem e desordem (DaMatta, 1986), ou em uma dinâmica turneriana de estrutura e anti-estrutura (Turner, 2008 e 2013) - entre os lugares oficiais, focados na produção disciplinar e hierarquizada da subjetividade discente pela imposição institucional de condutas, por um lado; e, por outro lado, entre os lugares oficiosos, pautados nas sociabilidades de lazer, de camaradagem, de solidariedade, de conhecimento e de reconhecimento, e, sobretudo, de pertença ideológica e empreendedorismo moral.

Enquanto a dinâmica institucional da UERN, - na esteira atual de globalização do capitalismo informacional, - se pauta em moldes e propostas cada vez mais afinados com a ideologia neoliberal do *homo economicus*, da busca pela maximização do desempenho individual e da privatização dos riscos sociais e das emoções, operando de maneira a homogeneizar o imperativo da racionalidade instrumental como padrão e referência única de produção subjetiva e relacional; o Brejo, a Padoca, o Movimento Antiproibicionista, - para citar somente alguns lugares e correntes sociais abordados nesse artigo, - disputam moral, emocional e expressivamente as subjetividades e pertencas discentes ao denunciar a ideologia dominante do indivíduo social como empreendedor de si para o mercado, e, ato contínuo, ao situar pautas amplas de construção ética da cidadania (Vincent, 1974): tais como a igualdade de gênero e o amor livre, a inclusão social dos negros, o reconhecimento de práticas culturais seculares de uso recreativo e medicinal da cannabis, o direito ao lazer e a uma formação universitária mais próxima da realidade discente e etc.

A UERN – Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, com efeito, a partir de seus múltiplos lugares de pertença, de efervescências políticas, de criatividade artístico-cultural e de sociabilidade de lazer, apresenta-se ao antropólogo e etnógrafo como um denso e móvel mosaico de imagens e ideologias, como um lugar de muitos lugares, de culturas emotivas e de normalidades normativas em confronto e negociação. Nesse diapasão, a pesquisa em tela compartilha da proposta geertziana de que a antropologia se constrói como coleção de estudos localizados sobre situações e não como uma reunião de filosofias ontológicas, diferenciando entre lócus e objeto analítico:

O lócus do estudo não é o objeto do estudo. Os antropólogos não estudam as aldeias (tribos, cidades, vizinhanças...), eles estudam nas aldeias. Você pode estudar diferentes coisas em diferentes locais, e algumas coisas – por exemplo, o que a dominação colonial faz às estruturas estabelecidas de expectativa moral – podem ser melhor estudadas em localidades isoladas. Isso não faz do lugar o que você está estudando. (Geertz, 1978, p. 32).

O objeto analítico da pesquisa, portanto, são os lugares oficiosos, - enquanto conformação simbólica e relacional, - que compõem o universo estudantil, na cultura emotiva mais ampla da UERN, expresso em suas respectivas vitalidades de denúncia e afronta, de jocosidade e ironia. Mas também de pertença e de empreendedorismo moral. Este complexo de significados, neste primeiro momento de exercício etnográfico, chamou a atenção dos pesquisadores pela plasticidade e agressividade, no sentido positivo do termo, das suas imagens e ideologias.

De acordo com esta leitura da situação em campo, foram colocados os seguintes objetivos como norteadores da pesquisa:

OBJETIVO GERAL

Realizar um mapeamento dos lugares oficiosos em que a vida estudantil se expressa na UERN, campus Mossoró, em imagens e ideologias, sentimentos de pertença e empreendedorismo moral. Este mapeamento segue em paralelo à problematização teórico-metodológica dos conceitos centrais para a pesquisa, em um recorte que intersecciona a Antropologia das Emoções e das Moralidades, a Antropologia Urbana, a Antropologia das Sociedades Complexas, a Antropologia das Imagens e a Antropologia Política. Este amplo leque de possibilidades teóricas pretende abarcar ao máximo o interesse dos pesquisadores, contemplando a questão das imagens, das ideologias, dos movimentos sociais, das emoções e moralidades, do urbano contemporâneo em grande e pequena escala de sociabilidades, da subalternidade e da marginalidade, da história social da cidade de Mossoró e adjacências e do papel da UERN para os estudantes e para a vida local.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS

Até o momento os objetivos específicos concentram-se nos quatro recortes teórico-metodológicos que compõem este empreendimento de pesquisa. O primeiro deles é o de compor, em perspectiva panorâmica, as potencialidades da UERN, campus Mossoró, enquanto lugar de múltiplos lugares, de diversidades de pertenças e de intenso empreendedorismo moral expresso em ideologias e imagens que apontam para as

atividades de movimentos político-culturais como o Antiproibicionista, o feminista, o LGBTQ+, o negro, o democrático, o vegan, o estudantil, entre outros, nas culturas emotivas, códigos de moralidades e, principalmente, na produção cotidiana e continuada de lugares na UERN. Os demais objetivos da pesquisa contemplam interesses específicos de pesquisadores discentes em entender lugares, ideologias, pertencas e empreendimentos morais específicos já mapeados ao longo da pesquisa: o Movimento Antiproibicionista, o Brejo e o Movimento Feminista, a PADOCA e os pluriversos expressivos e axiológicos ali presentes.

METODOLOGIA

A pesquisa se organiza metodologicamente como exercício etnográfico, compreendendo a produção de conhecimento científico sobre a realidade empírica observada como o processo de elaboração de um argumento. Argumento que se constrói a partir de um problema, hipótese ou questão relevante, teoricamente assentado, sobre o real.

Este primeiro elemento estrutural da etnografia, o problema, aponta para a forma e o tipo de informação ou material etnografável a ser selecionado em campo, de modo que evidências e provas possam ser geradas para a interpretação, compreensão ou explicação do problema posto como objeto de pesquisa. A etnografia como argumento, portanto, significa a disposição textual de uma descrição, e também análise, do real, que compreende a conexão de um problema proposto a uma resposta lógico-racional com base em evidências, justificativas e provas produzidas pelo pesquisador em campo.

A produção de evidências que sustentem a apreciação teórica que o etnógrafo concebe ao problema de pesquisa está vinculada à interpretação que o mesmo produz sobre o real, consistindo a etnografia, em síntese, em um exercício de interpretação do comportamento, da cultura e da sociedade observados. Jacobson (1991), neste sentido, afirma o papel da interpretação das informações selecionadas em campo pelo etnógrafo, seja nas etnografias clássicas, como as de Bateson, Evans-Pritchard e Fortes, quanto nas etnografias mais recentes, representadas aqui por nomes como Marcus, Clifford e Cushman.

A descrição densa, conceito cunhado por Geertz (2012), como sinônimo da etnografia, abarca o esforço interpretativo por parte do etnógrafo do real descrito e interpretado. A etnografia, neste modelo metodológico, vai além da mera descrição da disposição espaço-temporal de objetos sociais, culturais e físicos, haja vista que o exercício da descrição densa está comprometido com a interpretação que o pesquisador processualmente desenvolve, integrando os objetos descritos nos modos nativos de pensamento e ação mais amplos. Isto consiste em um processo de *ruinação* de teorias e hipóteses lançadas ao campo de pesquisa (Navaro-Yashin, 2009).

No entender de Jacobson (1991), o interpretativismo de Geertz elucidou de forma clara o papel da interpretação na elaboração da etnografia como argumento. O próprio Geertz (2012, p. 4), expressando-se em relação ao fazer etnográfico enquanto exercício teórico, de interpretação e de busca dos significados, afirma:

Acreditando, como Max Weber, que o homem é um animal amarrado a teias de significados que ele mesmo teceu, assumo a cultura como sendo essas teias e a sua análise; portanto, não como uma ciência experimental em busca de leis, mas como uma ciência interpretativa, à procura do significado.

Neste sentido, discorre Jacobson (1991, p.4) sobre Geertz:

De acordo com Geertz, o objetivo da etnografia como descrição densa consiste em entender os *quadros de interpretação* dentro dos quais o comportamento é classificado e o significado lhe é atribuído. Geertz argumenta... que isso envolve apreender e descrever as *estruturas conceituais complexas* em termos das quais as pessoas se comportam e entendem esse comportamento. A etnografia, então, é uma questão de interpretar o significado de comportamento com referência às categorias culturais dentro das quais é produzido, percebido e interpretado⁵.

Nas palavras do autor, Geertz não somente teria pretendido acessar os *quadros de interpretação* nativos a partir das práticas e discursos observados no exercício da etnografia, mas também compreender suas *estruturas conceituais profundas*. Geertz sintetiza os objetos a serem etnografados, no seu modelo teórico-metodológico de pesquisa, com base nos conceitos de *ethos* e *visão de mundo* (Geertz, 2012), que revelam a lógica societária de um lugar enquanto cadeias reais de interdependência e teias de significado do mundo habitado.

Para o autor:

Na discussão antropológica recente, os aspectos morais (e estéticos) de uma dada cultura, os elementos valorativos, foram resumidos sob o termo “ethos”, enquanto os aspectos cognitivos, existenciais foram designados pelo termo “visão de mundo”. O ethos de um povo é o tom, o caráter e a qualidade de sua vida, seu estilo moral e estético, e sua disposição é a atitude subjacente em relação a ele mesmo que a vida reflete. A visão de mundo que esse povo tem é o quadro que elabora das coisas como elas são na simples realidade, seu conceito de natureza, de si mesmo, da sociedade. Esse quadro contém suas ideias mais abrangentes sobre a ordem (Geertz, 2012, p. 93).

O tom da pesquisa, com efeito, é assumidamente geertziano, na medida em que se propõe a interpretar o ethos e a visão de mundo, isto é, os modos nativos de ação e de realidade que compõem a sua cultura enquanto texto e contexto de sentidos, principalmente quando disponíveis na forma ambígua, no entender de Barthes (2018), da imagem e de suas respectivas ausências e presenças, vozes e silêncios. Mas é também um tom decididamente beckeriano (2008) e goffmaniano⁶ (Goffman, 1988 e 2012), na

⁵ Tradução livre do trecho: “According to Geertz, the object of ethnography as thick description is to understand the “frames of interpretation” within which behavior is classified and meaning is attributed to it. He argues... that this involves apprehending and depicting the “complex conceptual structures” in terms of which people behave and in terms of which that behavior is intelligible to them. Ethnography, then, is a matter of interpreting the meaning of behavior with reference to the cultural categories within which it is “produced, perceived and interpreted” (Jacobson, 1991, p. 4).

⁶ A tônica do pensamento simbólico-interacionista de Erving Goffman se encontra na análise da ordem ritual interacional como fundamento do mundo moral e da ordem social, construídos estes pela ação simbólica reciprocamente direcionada. As relações sociais são vistas não como algo estruturado e estabelecido de uma vez por todas, mas como algo aberto e subordinado ao reconhecimento contínuo dos interactantes, de modo que os atores e agentes sociais são observados em seus palcos interacionais, onde

medida em que problematiza as estratégias individuais e coletivas, oficiais e oficiosas, de circunstancialização das normas e valores sociais e dos repertórios simbólicos e expressivos dos múltiplos lugares, ritualidades e temporalidades que se cruzam nos contextos interacionais e culturas emotivas de sociedades complexas, assim como na formação subjetiva e intersubjetiva de empreendedores morais em ação.

REVISÃO DE LITERATURA

A pesquisa em tela, como mencionado acima, parte de um conceito semiótico e simbólico-interacionista de cultura, entendida enquanto cultura emotiva e códigos de moralidade, de modo a poder problematizar interpretativa e analiticamente a ação de empreendedores morais desde suas construções de imagens e ideologias, pertencas e empreendimentos morais. Nesse sentido, cabe aqui um ligeiro esboço desse esquema conceitual.

Uma cultura emotiva se caracteriza como lugar de pertença e de realização de projetos, mas também lugar de medos e de envergonhamento. O conceito de cultura emotiva, destarte, abarca as cadeias de interdependência (Elias, 1994) e as teias de significado (Geertz, 1978) construídas nos processos intersubjetivos cotidianos. A pertença, como emoção basilar de uma cultura emotiva, é o lócus social da manifestação da normalidade normativa e do exercício de semelhança e dessemelhança nos processos de formação de individualidades, de registros únicos de experiência e significação mediante trocas materiais e simbólicas entre indivíduos sociais localmente situados. Indivíduos estes munidos de mapas cognitivos e emocionais que permitem leituras e visões de mundo em um lugar de fala próprio, mas sempre cultural e socialmente satisfeitos.

De acordo com Koury (2003, p. 79):

Ao lançar um mapa sobre um universo simbólico específico que forma um mundo comum, cada indivíduo socialmente, se reconhece e reconhece o outro real e simbólico, que dele e por ele emerge, enquanto semelhança, ou enquanto diferença, ou enquanto ambos.

A proposta, central nessa pesquisa, da Antropologia das Emoções e das Moralidades, neste sentido, é problematizar a construção de universos simbólicos na relação indivíduo, cultura e sociedade. A conformação do self individual, - da subjetividade do indivíduo social, - se realiza na sua inserção em uma cultura emotiva dada, onde constrói relações e através delas desenvolve um sentido identitário e de pertença a um espaço interacional e societal.

As emoções são, enquanto fato social total (Mauss, 2003), resultado das relações entre indivíduos e grupos, abrangendo códigos morais e de conduta e gramáticas de sentidos e estranhamentos tecidos no jogo cotidiano das relações. As emoções são os sentimentos dirigidos ao outro e construídos e comunicados no jogo interacional. Elas se objetificam conforme os processos intersubjetivos se cristalizam em códigos de moralidades, memórias, hierarquias e fronteiras sociais, em projetos individuais e

desempenham papéis sociais específicos conforme a situação em que se deslocam performaticamente compondo rostos em jogo, linhas, fachadas e exercitando estratégias de aproximação, afastamento e evitação do outro.

coletivos. São, assim, emoções específicas no interior de uma cultura emotiva que orientam a ação, o discurso e as representações sociais, entre outros.

As emoções são entendidas como fenômeno social total (Mauss, 2003, p. 237ss), que abarca as subjetividades, a cultura objetiva por elas construída e também o processo intersubjetivo de construção de sociabilidades. As emoções, assim, constituem um idioma, uma linguagem e uma gramática das relações sociais. Da perspectiva do ator, as emoções são as teias de sentimentos dirigidas aos relacionais; enquanto que, da perspectiva da interação, as emoções se apresentam como as relações e as teias de sentidos entre os atores e agentes sociais.

A antropologia das Emoções e das Moralidades no urbano contemporâneo de sociedades complexas, que embasa teórica e metodologicamente esta pesquisa, se questiona, assim, sobre como os atores e agentes sociais constroem (empreendem moralmente) as culturas emotivas em que vivem, com modelos de ação (ethos) e de realidade (visão de mundo) próprios exercitados cotidianamente. Trata-se, assim, de uma abordagem compreensiva do social e da cultura.

Em sentido weberiano (Weber, 1974), uma abordagem compreensiva implica na observação da ação social para o entendimento dos sentidos da mesma, seus meios e fins no contexto relacional em que se insere. No entender de Weber a cultura se manifesta como o conjunto de sentidos produzidos e articulados por uma sociedade dada, sendo esta, em última análise, uma comunidade de sentidos.

No *ethos* da comunidade, concebida como a totalidade dinâmica dos vínculos entre seus membros, o indivíduo, dotado de reflexividade e capacidade criadora, desenvolve e executa suas ações em direção ao outro relacional. Os possíveis sentidos e classificações morais da ação se dão, a posteriori, no âmbito da racionalidade nativa, em processos tensos de negociação e disputas morais e de poder. O elemento formador da cultura, o sentido, é comunicado na ação social, mas jamais de forma unívoca e final, haja vista que processos de construção de sentido não ocorrem como as trocas materiais e energéticas (segundo os princípios da termodinâmica), mas, e aqui, Weber identifica que a complexidade inerente aos sistemas sociais de sentido ocorre em processos de negociação e construção coletiva sobre as possíveis formas de apreender e significar o real. Os empreendimentos morais, nesse sentido, são as dinâmicas mais reflexivas de construção do real social.

O empreendedor moral produz, em grande medida, com sua ação pública cotidiana, os sentidos oficiais das disputas morais de uma sociabilidade dada, uma vez que desponta no cenário público como o idealizador e realizador de empreendimentos morais e de ofensivas civilizadoras (Regt, 2017). Extraído de leituras de Becker (2008), mas também enriquecido a partir dos conceitos de *cruzado simbólico*, de Gusfield (1986), de *especialista*, de Giddens (2002), e de *dramatis personae*, de Geertz (2012), o conceito de empreendedores morais aponta para a ação pública de atores e agentes sociais destacados no espaço público, e também político, de uma sociabilidade dada.

Os *empreendedores morais*, nesse sentido, atuam como articuladores de agendas sociais de intervenção pública e de transformação social, ou como fazedores de novas regras morais ou como figuras e personagens ritualmente influentes na definição das situações e dos problemas sociais de um contexto interacional e societal específico. Os empreendedores morais, portanto, se destacam no cotidiano de uma cultura emotiva específica por ousarem vocalizar demandas de transformação normativa no formato de uma ofensiva civilizadora.

A ofensiva civilizadora constitui, em linhas gerais, o ritual público, no sentido gusfieldiano de transformação de problemas sociais, - como a violência generalizada e difusa, - em problemas públicos e políticos, - como um programa de ação ou política pública de combate à violência urbana registrada nas periferias pobres. A ofensiva civilizadora abarca, ainda, a consequente e sistemática intervenção de empreendedores morais para a mudança (ou para a performatização da mudança), em curto prazo, de aspectos pontuais ou mesmo mais amplos do *habitus* (Elias, 1997; 2009) de uma população classificada como passível de moralização, no sentido dos padrões morais da civilização moderna ocidental.

Esta proposta de abordagem compreensiva de uma cultura emotiva e de seus respectivos códigos de moralidade, portanto, aponta para as ideologias mobilizadas no jogo simbólico-interacional, bem como para os empreendimentos morais daí derivados. A ideologia, no entender de Vincent (1974), implica em uma complexa rede de sentidos que abarca noções públicas sobre o indivíduo, a própria cultura, as instituições e a sociedade, a natureza, a sobrenatureza, as razões existenciais de cada ator e agente social em sua comunidade, entre outros.

A ideologia, com efeito, se expressa nas linguagens e idiomas cotidianos, na cosmologia nativa, com seus símbolos e narrativas de auto- e alterdefinição, de modo que o self humano, - ainda que autodeterminado e passível de cultivo crítico e reflexivo, - está visceralmente inserido nas redes de interdependência e de classificação do seu mundo social. Este poder simbólico (Bourdieu, 1998) da ideologia demanda reconhecimento da crença que reproduz, de modo que no jogo social opera a ilusão de produção de efeitos sociais reais sem dispêndio de energia e sem violência: a ideologia é, em parte, um problema político resolvido ou um empreendimento moral consolidado, mas sempre tensionado por lutas intestinas e de fronteira.

A cultura, com seus sistemas simbólicos em formato de ideologias em disputa e negociação, compreende as estruturas estruturantes e estruturadas dos idiomas e linguagens da interação simbólica, de modo que, uma vez mobilizadas por empreendedores morais, inscrevem e organizam o conflito social, definindo fronteiras, selecionando comportamentos, impondo normalidades, articulando utopias. Nesse sentido, o exercício etnográfico pautado em autores como Geertz, Goffman, Becker e outros, objetiva a descrição densa, a análise êmica e a comparação transcultural de códigos públicos, socialmente estabelecidos, de conduta e comportamento, das categorias culturais e das hierarquias estratificadas de estruturas significantes: as estruturas conceituais complexas. Muito embora a Antropologia e a Cultura distingam-se fundamentalmente, tal como Gramática e Língua, - o que faz do exercício antropológico uma *fictio*, mas não uma falsificação, - a abordagem compreensiva etnográfica do real social insiste na interpretação do discurso social nativo, em bases microscópicas, partindo do particular e circunstancial para o geral.

A cultura emotiva que embasa as imagens e ideologias de discentes empreendedores morais na UERN, com efeito, será encarada, nesta pesquisa, como fonte de problematização da lógica informal da vida real. Isto é, do discurso social complexo ali expresso enquanto documento público de atuação e conformação do mundo.

Nessa proposta analítica, portanto, faz-se possível a interpretação do material etnográfico, produzido na UERN, em relação aos dilemas de um urbano contemporâneo, como o da cidade de Mossoró - RN, conectado local, nacional e globalmente em processos capitalistas de urbanização, de industrialização, de destraditionalização, de

mercadologização, de individualismo possessivo, de democratização e luta pela cidadania, entre outros, tanto na lógica neoliberal de conformação de *selves*, instâncias e projetos político-econômicos e histórico-sociais, por um lado; como, também, por outro lado, na herança tradicional brasileira de construção da nacionalidade e da região Nordeste, em que se destacam, por exemplo, as narrativas dominantes de democracia racial e de mito fundador das três raças, de relacionalidade cordial expressa no samba, no futebol, no carnaval, no sincretismo ideológico, na lógica autoritária de apadrinhamento e de pessoalização do público, na violência urbana endêmica, na exclusão secular de massas iletradas e subletradas (Schwarz, 2015). Interessa à pesquisa, assim, enquadrar a mensagem ideológica de empreendedorismo moral (Becker, 2008) de movimentos político-culturais como o Antiproibicionista, o Feminista, o LGBTQ+, o Negro, o Democrático, o Vegan, o Estudantil, entre outros, nas culturas emotivas, códigos de moralidades e, principalmente, na produção de lugares na UERN e, ato contínuo, na cidade de Mossoró e em redes mais amplas de interdependência.

UERN EM IMAGENS E IDEOLOGIAS

A UERN – Universidade do Estado do Rio Grande do Norte foi instituída em 1968, tendo completado seus 51 anos em setembro de 2019. Em Mossoró, o campus central, onde se realiza a pesquisa em tela, se situa nas proximidades da UFERSA – Universidade Federal do Semiárido, do IFRN – Instituto Federal do Rio Grande do Norte e do complexo jurídico e midiático local, tendo como possibilidades de comunicação as autoestradas estadual e federal, bem como dois eixos viários que cortam o urbano mossoroense em sentido norte e sul. A UERN se localiza geograficamente na periferia urbana, em uma área ainda em processo de especulação imobiliária e possível verticalização em momentos de crescimento demográfico e expansão da malha urbana.

Na condição de única universidade do Estado do Rio Grande do Norte, a UERN, principalmente o campus de Mossoró, se destaca na narrativa política local como uma conquista da população arduamente preservada. A UERN expressa, ainda, para o ethos local, o orgulho de um processo relativamente bem-sucedido de modernização social e econômica à base das indústrias do sal, do petróleo e do turismo. O *País Mossoró*, como se sabe ouvir reiteradamente dos discentes, se destaca como a segunda maior cidade estadual, bem como a mais extensa em território. É, nesse sentido, que a UERN constitui um polo de atração de jovens universitários em busca de formação superior, recebendo cotidianamente as caravanas de ônibus dos municípios adjacentes, tais como Assú, Apodi, Grossos, Areia Branca, Tibau, entre outros, alguns dos quais vindos do Ceará.

A UERN organiza-se na tradicional e autoritária lógica corporativa ou fabril da década de 1970, caracterizada pela burocracia em linhas, com suas faculdades uniformizadas e devidamente espaçadas. Isto fica claro no mosaico de figuras abaixo (1, 2, 3 e 4), em que se apresenta a estética institucional de corredores, pórticos e pátios higienizados e angulosos, que constroem fisicamente o indivíduo a caminhar segundo o traçado dos seus idealizadores. Imagens recentes de intelectuais e de mulheres de militância feminista destacada, como Frida Kahlo e Malala, buscaram recentemente trazer para este lugar de cerimônia, de ordem e de oficialidade as práticas reais e oficiosas dos discentes.

Figuras 1,2,3,4: Corredores, Jardins e Pátios internos da UERN

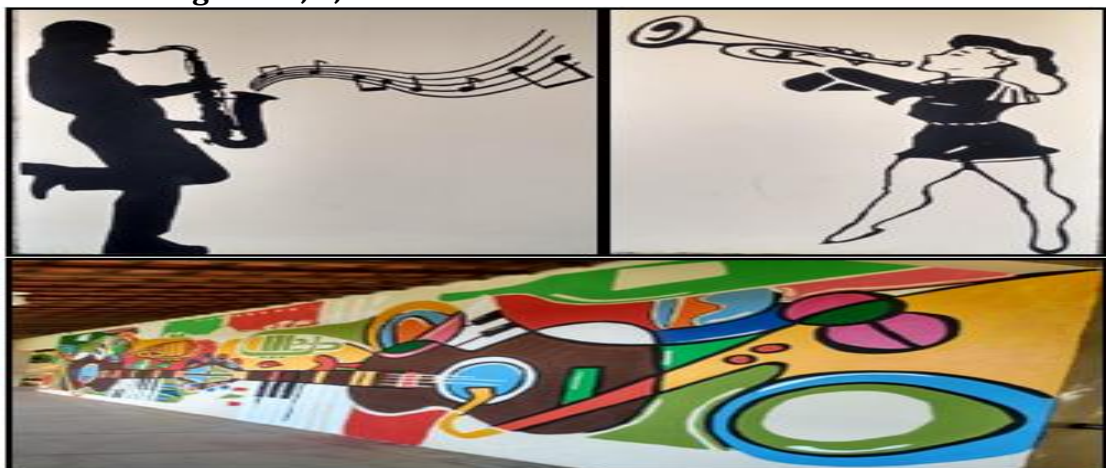


Fonte: Imagens produzidas pelos integrantes da Pesquisa. Mossoró – RN, 2019.

As figuras 5, 6 e 7, por sua vez, seguem na proposta de fachada oficial da UERN, mas já em uma roupagem atual e modernista que destoa da antiga estética de ordem e progresso vista nos corredores, pátios e jardins. Percebe-se já, nessas imagens, uma ideologia de emancipação feminina e de igualdade de gênero, sugerida pelo saxonista e pela trompetista em situações simétricas e de encontro. A enorme fachada neo-cubista com instrumentos musicais se penetrando mutuamente reforça a noção de arte como oposição e encontro, como novidade que choca e abraça.

As figuras 8, 9, 10, com efeito, marcam um enorme contraponto em relação aos dois mosaicos abordados anteriormente, pois suas mensagens acusam, denunciam e impõem presenças cotidianamente visibilizadas pelos lugares oficiais. O sinal da *Marcha Mundial das Mulheres*, a palavra de ordem *Enegrecer* e os dígitos correspondentes a I Love My Pussy comunicam a fronteira simbólica entre o lugar oficial e o lugar oficioso, que, dali em diante se reforça nas práticas do Movimento Antiproibicionista, do Brejo e da PADOCA.

Figuras 5, 6, 7: Fachadas da Escola de Música da UERN



Fonte: Imagens produzidas pelos integrantes da Pesquisa. Mossoró – RN, 2019.

Figuras 8, 9, 10: Jardins, Pátios, Corredores de Faculdades da UERN vistos desde o estacionamento da FAFIC – Faculdade de Filosofia e Ciências Sociais



Fonte: Imagens produzidas pelos integrantes da Pesquisa. Mossoró – RN, 2019.

O MOVIMENTO ANTIPROIBICIONISTA

As imagens que expressam a ideologia do Movimento Antiproibicionista, na UERN, estão distribuídas por quase todos os lugares ociosos do campus, de modo que podem ser vistas no Brejo, na PADOCA e nos imensos murais dos corredores destinados às Ciências Sociais e à Comunicação Social. A Faculdade de Economia, nesse sentido, marca uma fronteira simbólica deveras perceptível, uma vez que abriga uma postura mais conservadora e tradicionalista avessa à arte e à expressão política e cultural discente.

O Movimento Antiproibicionista tem na FAFIC – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas um de seus lugares de reconhecimento e pertença, onde podem expressar suas práticas recreativas e de disputa moral em relação aos códigos oficiais de conduta e comportamento. Nas esquinas derradeiras dos prédios, onde se inicia a área mais rural da UERN, estes discentes exercitam o *desprezo ao sistema*, se *desestressam* das exigências burocráticas e ordinárias da instituição universitária e se articulam em torno de palavras de ordem e de defesa que constroem pontes entre diversas ideologias, lugares e pertencas, haja vista que o Movimento Antiproibicionista é convidativo para discentes de todos os gêneros e pertencas étnicas.

O recorte classicista, com efeito, faz-se evidente, uma vez que os discentes de classe média baixa que mais publicamente se reconhecem como usuários de drogas e como ideólogos do movimento. Ao contrário do BREJO e da PADOCA, apresentados mais abaixo, o Movimento Antiproibicionista se confronta com um estigma desvelado e com a iminente ameaça de enquadramento policial e jurídico.

As figuras 11, 12 e 13 e as figuras 14 e 15 comunicam a irreverência, a jocosidade e a ousadia do Movimento Antiproibicionista, fortemente associado com o Movimento Feminista. O empreendedorismo moral exercitado nessas mensagens joga intencionalmente com o tempo longo, utópico, apostando na Revolução, que trará do futuro alienígenas antiproibicionistas canábicos. O aspecto antiproductivista,

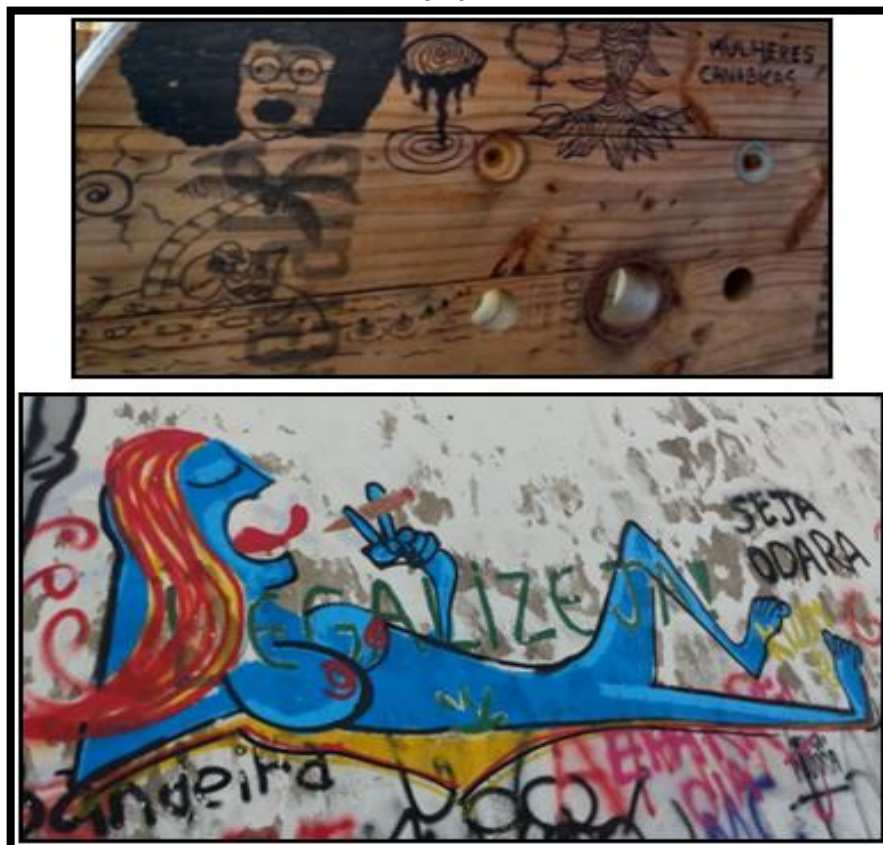
anticapitalista e naturista é uma tônica dessa ideologia e do seu código moral e expressivo de pertença.

Figuras 11, 12 e 13: Recorte de imagens de diversos lugares oficioso da UERN em que se destacam mensagens do Movimento Antiproibicionista



Fonte: Imagens produzidas pelos integrantes da Pesquisa. Mossoró – RN, 2019.

Figuras 14 e 15: Recorte da inscrição Mulheres Canábicas e Mulher Canábica em azul



Fonte: Imagens produzidas pelos integrantes da Pesquisa. Mossoró – RN, 2019.

O BREJO

O BREJO se tornou o lugar de encontro de jovens de diversas manifestações artísticas, culturais, sociais e ideológicas. Mas, principalmente, de mulheres que buscam intercambiar ideias e experiências na perspectiva feminista. No lugar BREJO ocorrem bate papos feministas e expressões artísticas que buscam mobilizar a comunidade universitária e também externa: um local de sociabilidade e espaço de oportunidade para diversos movimentos, políticos e sociais, mas principalmente de encontro para o debate das mulheres sobre o feminismo e sobre a ocorrência de assédio na universidade, e de que forma, elas, unidas, poderão se firmar nesse espaço enquanto movimento.

Pertencer a algum lugar, enquanto sujeito, é participar, engajar-se, enraizar-se, buscando novos olhares, lugares, em relação com a coletividade, é o espaço do outro e do meu (Koury, 2001). Assim, essas mulheres se reúnem, buscando nessa coletividade meios para a construção de um sentimento de pertença e de proteção em face de uma sociedade machista, misógina, que ainda perpetua uma cultura de segregação e imposição às mulheres, diante também de assédios morais nas universidades.

Segundo Avelar (2001), o processo de inserção das mulheres nos lugares e em outros âmbitos como a política e o trabalho, em qualquer lugar da sociedade, foi lento. O direito ao voto se deu em um processo gradual, de modo que a conquista do voto feminino ocorreu em 1932, mas a efetivação de fato deste direito político aconteceu somente em 1946. Diante disso, percebe-se que as mulheres passaram por longos processos, árduos e de lutas para se inserirem na sociedade enquanto cidadãs e usufruindo de direitos, como votar, estudar, trabalhar e entre outros.

O debate sobre o feminismo, movimento que busca a igualdade das mulheres na sociedade, sem restrição de gênero, foi decisivo para de fato se concretizar essas conquistas, de maneira que levar esse debate à universidade é de grande importância para a comunidade discente da UERN. O BREJO, nesse sentido, desponta como lugar universitário para que tanto os jovens como outras mulheres entendam mais sobre a ideologia do Movimento Feminista, isto é, o que as mulheres buscam enquanto movimento político, suas lutas e conquistas.

As figuras 16 e 17, que compõem o mosaico abaixo, apontam para a densidade do lugar BREJO, cuja nomenclatura jocosa indica lugar de *sapas*, um marco do empoderamento e reconhecimento de mulheres com práticas homoeróticas. O BREJO está também fortemente ligado ao Movimento Negro e ao Movimento Estudantil, do qual participam muitas mulheres discentes na UERN.

Figuras 16 e 17: Recorte das fachadas do BREJO, como destaque para as associações do lugar com o Movimento Estudantil, com o Movimento Negro, com o Movimento Antiproibicionista e com bandeiras e palavras de ordem como A Favela Resiste, Lula Livre, Fora Temer, Marielle Vive e Feminismo Liberta



Fonte: Imagens produzidas pelos integrantes da Pesquisa. Mossoró – RN, 2019.

A PADOCA

A PADOCA é um lugar colaborativo, de união, de participação e de pertença. É um lugar desenvolvido através de um estudo e de um projeto de extensão que revitalizou um espaço abandonado e em utilização na universidade. Era um local de medo, tido como “perigoso”. Hoje é um lugar não só universitário, mas aberto aos públicos urbanos com diálogo, rodas de conversa, eventos e debates.

No contexto de cidade de Mossoró, e não só da UERN, a PADOCA tornou-se um lugar que abre caminhos à reflexão sobre a experiência do que é estar em conjunto, estar em coletivo, ser acolhido, ser cuidado e ser respeitado. A PADOCA abriga uma miríade de imagens, pinturas, expressões artísticas e mensagens que identifica muito quem se faz presente naquele lugar, bem como convida as pessoas a se expressarem artisticamente e em pensamentos, congregando as diversas tribos da UERN e da cidade de Mossoró, de modo que já se consolidou como um patrimônio universitário reconhecido para além de seus muros.

A nomeação PADOCA remete intencionalmente ao termo padaria, sendo a proposta de empreendimento moral do lugar justamente nutrir aqueles que o frequentam com um sentimento de pertença pautado no valor do encontro com o outro,

no acolhimento da diferença e no exercício da vivência compartilhada. PADOCA, assim, significa um vínculo de cuidado, respeito e de participação ativa na construção cotidiana do lugar.

Essa ideia do lugar PADOCA, que surgiu como um projeto de extensão, foi muitas vezes criticada na UERN. O local em construção foi algumas vezes deteriorado por parte de um determinado corpo docente que buscava a não concretização desse do lugar PADOCA, que só com muita resistência e amor ao projeto pode ser realizado por discentes e docentes que ansiavam por um lugar de encontro dos estudantes de comunicação, uma vez que o espaço físico da PADOCA se encontra no departamento dos cursos de jornalismo, de radicalismo, de TV e de publicidade. A PADOCA, entretanto, se expandiu e começou a agregar diversas identidades e correntes de expressão, de maneira que passou a ser não somente um lugar de encontro e de passatempo, mas também começou a ser um espaço de práticas culturais, de realização de eventos que mantem um diálogo entre a UERN e a comunidade. Atualmente a PADOCA reúne diverso empreendedores morais, plateias e públicos, como negros, LGBTQIA+, mulheres, feministas, artistas, professores e discentes. Estes atores e agentes sociais pertencem à PADOCA não só por ser este um lugar para se ter uma boa conversa, mas, sobretudo, por ser este lugar de aprendizagem e de companheirismo.

Assim, a PADOCA não se consolida somente como uma simples realização de um projeto acadêmico na UERN, mas como lugar pulsante de ocupação simbólica, de fortalecimento de vínculos da comunidade extra universitária com o meio acadêmico e de abertura da universidade para que diversos modos de ser e estar no mundo possam estar presentes e participando da PADOCA. Com tudo e todos a PADOCA é uma dádiva à vida universitária da UERN e também da cidade de Mossoró, pois que ali se afirma a certeza de um lugar de acolhimento e de oportunidade para a abertura de si enquanto subjetividade singular e em processo, para a vivência do coletivo, para o exercício da pertença enquanto sentimento fundamental na produção de sociabilidades.

A PADOCA contribui, - com sua ideologia antiprodutivista e avessa à desiderabilidade neoliberal de lucro ascendente, desempenho desenfreado e competitividade como meta de vida, - para deixar a vida mais calma e para se saber que, mesmo a cidade de Mossoró estando em ininterrupto movimento, faz-se possível para o indivíduo social anônimo sentir o que esse espaço tem para oferecer enquanto refúgio de camaradagem e de acolhimento.

A noção de pertença, de fazer sentir-se enquanto integrante do lugar, marca profundamente a PADOCA, sempre aberta e convidativa para que os que dão vida ao lugar continuem o seu processo de expansão material e simbólica: as plantas, os peixes de aquário, as figuras expostas no mural, os poemas, as palavras de ordem, os bancos de palletes, o jardim com cadeira quebrada e carrinho de mão sustentando um balde inútil, o recanto fisicamente constrangido das mulheres superpoderosas, estes são alguns destes objetos de ar, de cores, de sonhos e de desdobramentos ideológicos e utópicos que perfazem a mobília de empreendimento moral da PADOCA: a estética do acolhimento e a ética do cuidado para além dos valores de uso e de troca, distantes da racionalidade econômica e do burburinho da metrópole.

As figuras 18, 19 e 20, que compõem o mosaico da PADOCA, enfatizam o bucolismo e a aura de sossego tão caras aos cidadãos da metrópole politextual e hipercomplexa. Diferentemente das culturas emotivas e códigos de moralidades do BREJO e do Movimento Antiproibicionista, que exaltam a mobilidade, a agressividade e a

irreverência, a PADOCA mais parece evocar um Parnaso tardio, com seus poetas pastores prezando pela vida contemplativa e comunal próxima da Natureza virgem de indústria, de engenho e de comércio.

Figuras 18, 19 e 20: Recorte panorâmico da PADOCA, com destaque o seu mural e o jardim



Fonte: Imagens produzidas pelos integrantes da Pesquisa. Mossoró – RN, 2019.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta primeira fase da pesquisa *UERN em imagens e ideologias: sentimento de pertença e empreendedorismo moral nos lugares universitários* buscou organizar incursões etnográficas e a construção de um banco de imagens sobre os múltiplos lugares universitários na UERN, correlacionando-os, sempre que possível, com a vida urbana mais ampla da cidade de Mossoró-RN. Tratou-se, assim, de um esforço inicial em mapear, através de imagens e ideologias, a riqueza e densidade da vida ofíscia discente, para além dos regramentos burocráticos e da lenta rotina de sala de aula.

Nesse sentido, a pesquisa logrou realizar um amplo mapeamento de como as fachadas e espaços físicos recônditos na UERN são física e simbolicamente ocupados pelos discentes, em empreendimentos morais pautados nas mais variadas vertentes ideológicas, expressivas e morais. Destaca-se, com efeito, o esforço dos discentes em tornar o espaço universitário em um lugar de acolhimento, de solidariedade, de

reconhecimento e, em síntese, de pertença, onde, por exemplo, práticas recreativas de uso de psicoativos não sejam mais estigmatizadas; onde personagens e identidades subalternos sejam empoderados e, por fim, onde se estabeleça o respeito aos ritmos e demandas individuais de construção subjetiva, pois que o saber implica em aprender o sabor da cada fenômeno, vida, ideia ou objeto, o que implica também em tempo de sossego e de liberdade.

A atual pesquisa pretende amadurecer a análise dos lugares universitários já mapeados na UERN a partir da exploração de falas nativas, seja mediante entrevistas ou conversas informais, bem como aprofundar a leitura de cada lugar a partir de suas imagens e ideologias. Em um segundo momento, entretanto, a pesquisa pretende expandir suas incursões etnográficas para além dos muros da UERN, mas sem perder a conexão com o que ocorre no interior dos muros universitários, haja vista que os movimentos sociais que atravessam a UERN, e ali se consolidam e se refinam, contribuem também na composição dos lugares de pertença e dos empreendimentos morais da cidade de Mossoró-RN e adjacências. O urbano contemporâneo, percebido neste primeiro momento, desde a UERN, se apresenta como lócus de processos intersubjetivos tensos e densos, de estilos de vida plurais e de múltiplas arenas públicas em disputa moral.

REFERÊNCIAS

- Avelar, L. (2001). *Mulheres na elite política brasileira*. São Paulo: Fundação Konrad Adenauer: Editora da UNESP.
- Becker, H. (2008). *Outsiders: estudos de sociologia do desvio*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Bourdieu, P. (1998). *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.
- DaMatta, R. (1986). *O que faz o Brasil, Brasil?* Rio de Janeiro: Rocco.
- Elias, N. (1994). *A sociedade dos indivíduos*, Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Elias, N. (1997). *Os alemães: a luta pelo poder e a evolução do habitus nos séculos XIX e XX*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Elias, N. (2009). *Los Alemanes*. Buenos Aires: Nueva Trilce.
- Geertz, C. (1978). *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Zahar Editores.
- Geertz, C. (2012). *Atrás dos fatos. Dois países, quatro décadas, um antropólogo*. Petrópolis: Vozes.
- Giddens, A. (2002). *Modernidade e identidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora.
- Goffman, E. (1988). *Estigma: Notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. Rio de Janeiro: Editora Guanabara.

Goffman, E. (2012). *Ritual de interação: ensaios sobre o comportamento face a face*. Petrópolis: Vozes.

Gusfield, J. R. (1986). *Symbolic crusade: Status Politics and the American Temperance Movement*. Chicago: University of Illinois Press.

Jacobson, D. (1991). *Reading Ethnography*. Albany: State University of New York Press.

Koury, M. G. P. (2001). Enraizamento, pertença e ação cultural. *Cronos*, Natal-RN, v.2, n.1, p.131-137.

Koury, M. G. P. (2003). O local enquanto elemento intrínseco da pertença. In: Cláudia Leitão (Org.), *Gestão Cultural*. Fortaleza: Banco do Nordeste, p. 75-88.

Leal, T. (2017). Elas merecem ser lembradas: Feminismo, emoções e memória em rede. *São Paulo*, v.40, n.2, p.169-185, maio/ago.

Mauss, M.; Hubert, H. (2003). *Marcel Mauss: Sociologia e Antropologia*. São Paulo: Cosacnaify.

Navaro-Yashin, Y. (2009). Affective spaces, melancholic objects: ruination and the production of anthropological knowledge. *Journal of the Royal Anthropological Institute*, v. 15, n. 1, p. 1-18.

Regt, Ali de. (2017). Ofensiva civilizadora: do conceito sociológico ao apelo moral. *Revista Brasileira de Sociologia da Emoção*, v. 16, n.47, p. 137- 153.

Schwarcz, L. M. (2015). *Brasil: Uma Biografia*. São Paulo: Companhia das Letras.

Turner, V. W. (2008). *Dramas, campos e metáforas - ação simbólica na sociedade humana*. Niterói: EdUFF.

Turner, V. W. (2013). *O Processo Ritual: Estrutura e Antiestrutura*. Petrópolis: Vozes.

Vincent, A. (1995). *Ideologias políticas modernas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora.

Weber, M. (1974). *Sobre a teoria das Ciências Sociais*. Lisboa: Presença.

Cronologia do Processo Editorial

Editorial Process Chronology

Recebido em: 03/10/2021

Aprovado em: 18/04/2022

Received in: October 03, 2021

Approved in: April 18, 2022